

## Resistência que se concretiza através da arte e da união



O povo Kambiwá vive no município de Ibimirim nas aldeias Guela, Nazarário, Pereiros, Serra do Periquito, Baixa do Alexandre, Santa Rosa, Tea, Poço Quatro e Tacho. Os mais de 6 mil habitantes ocupam uma área de 31.495 hectares, sendo considerado o maior território indígena em Pernambuco em termos de extensão. A aldeia foi fundada em 1972, mas reconhecida como comunidade indígena apenas em 1980.

Quem conta essa história é Givanildo Francisco do Nascimento, 46 anos, Vana como é conhecido na localidade, que mora em Nazário e descreve como foi difícil à conquista da terra. “Após uma longa disputa por terras que opõe índios e fazendeiros, o povo Kambiwá, que significa retorno a Serra Negra, conquistou a demarcação territorial, o direito de exercer sua cidadania indígena e de trabalhar e cultivar livremente”, pontua.

Essa trajetória marcada pela subserviência aos fazendeiros da região, violência, desapropriação dos posseiros, conflitos e resistência são narradas em uma peça teatral encenada por jovens da localidade. A peça intitulada “o velho Pajé” conta a formação do povoado e relata a luta de Lorencio, o primeiro pajé, para garantir os direitos do seu povo. Formada por 18 componentes, a encenação resgata a herança indígena e perpetua para as outras gerações os relatos, até a permanência no campo com novos olhares, cores e formas de conviver no Semiárido.

Na trama Higor Francisco, 17 anos, representa o coronel que mandou acabar com as aldeias. “Essa é uma maneira de manter viva a cultura do nosso

povo. Interpretamos a nossa luta”, conta.

Foi em 2007 que a ideia de criar o grupo de teatro surgiu para representar as batalhas vivenciadas na formação do povo Kambiwá e seus exemplos de convivência com o Semiárido. A partir do teatro, o grupo se fortaleceu com trabalhos voltados para a mobilização política, preservação histórica, identidade e formação educacional.

O teatro é um trabalho desafiador fruto da Associação de Jovens, fundada em



2004, com trabalhos nas áreas de cultura, oficina de artesanato e práticas agroecológicas para a plantação de hortaliças.

Eles também dispõem de um Ponto de Cultura que oferece aulas de informática, capacitação profissional e promove alguns eventos. O espaço conta ainda com um salão, onde os jovens ensaiam e se reúnem. O próximo passo é a instalação de uma biblioteca para toda a comunidade.

As conquistas foram motivadas pela organização do povo Kambiwá e resultaram também na constituição da Associação Indígena Croa, fazendo referência a uma planta comum na comunidade. Graças à mobilização social e a união, eles conseguiram políticas públicas de acesso à água, como cisternas de placas de 16 mil litros para o consumo humano, além de cisternas para a produção como calçadão e enxurrada, além de garantir a participação no Programa de Aquisição de Alimento (PAA).

“União! Somos muito unidos. Não queremos abandonar nosso território e um sempre ajuda o outro”, conta Vana. A forma de associação ajuda o povo a se manter.

Outro diferencial na localidade é a educação diferenciada para indígenas, direcionada para as crianças e adolescentes da aldeia. O resultado é a garantia da herança religiosa através dos rituais que são mantidos e ensinados nas escolas, além das disciplinas da base curricular regular. Na Escola Estadual Pedro Ferreira de Queiroz, em Nazarí, diariamente as crianças e adolescentes dançam o toré na chegada e saída das aulas. “Estávamos perdendo a nossa cultura”, conta.

A aposta na cultura popular, na educação e na união ajuda a manter viva a identidade da população e da juventude indígena e tem motivado a permanência no campo com novos olhares, cores e formas de conviver no Semiárido.



Realização



Articulação  
Semiárido  
Brasileiro

Apoio



PROGRAMA  
CISTERNAS

Ministério do  
Desenvolvimento Social  
e Combate à Fome

